

## As Raízes da Religião na Perspectiva dos Novos Ateístas

The Roots of Religion from the Perspective of New Atheist

Roney de Seixas Andrade<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo apresentar os argumentos de Daniel Dennett e de Richard Dawkins para explicar o surgimento, a presença e a continuidade das religiões na experiência humano-social conforme elaborados respectivamente em suas obras *Breaking the Spell* e *The God Delusion*. Um ponto comum nos argumentos apresentados por esses autores neoateístas é que a religião deve ser analisada e explicada pela via biológica e à maneira darwiniana, isto é, como um processo gradual de evolução cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião; Naturalismo; Evolucionismo; Neoateísmo; Memes.

**ABSTRACT:** This paper aims to present the arguments of Daniel Dennett and Richard Dawkins to explain the emergence, presence and continuity of religions in the human-social experience according respectively developed in their works *Breaking the Spell* and *The God Delusion*. A common point in their arguments is that religion must be analyzed and explained by the biological pathway and in the Darwinian way, i.e., as a gradual process of cultural evolution.

**KEYWORDS:** Religion; Naturalism; Evolutionism; New Atheism; Memes.

### Introdução

Um dos elementos presentes no discurso dos novos ateístas que chamaram nossa atenção em nossas análises sobre esse movimento está relacionado ao fato de suas críticas serem dirigidas de forma mais veemente contra a religião mesma do que propriamente contra a hipótese da existência de Deus.<sup>2</sup> Dentre esses autores, O biólogo Richard Dawkins, por exemplo, após concluir, em sua obra *The God Delusion*, que a hipótese de Deus é insustentável e que “quase com certeza Deus não existe” (2007, p. 214), articula suas críticas pontualmente contra a religião mesma em diversas partes de suas obras. Uma das mais populares é aquela em que faz uso de uma das músicas de John Lennon,

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutorado Sanduíche no Fuller Theological Seminary – Califórnia (EUA). Professor na área de Ciências Humanas na Faculdade Sul Fluminense (FaSF). Contato: drroneyandrade@gmail.com

<sup>2</sup> Podemos afirmar que o movimento denominado de neoateísmo tornou-se conhecido da opinião pública norte-americana sobretudo a partir da publicação de cinco polêmicos *best-sellers*: *The End of Faith* (2004) e *Letter to a Christian Nation* (2006), escritos pelo neurocientista Sam Harris; *Breaking the Spell* (2006), do filósofo Daniel Dennett; *The God Delusion* (2006), elaborado pelo renomado biólogo evolucionista Richard Dawkins; e, *God is not Great* (2007), de autoria do jornalista político Christopher Hitchens. A partir dessas publicações o discurso neoateísta ganhou visibilidade sobretudo no cenário público dos Estados Unidos.

Imagine, junto com John Lennon, um mundo sem religião. Imagine o mundo sem ataques suicidas, sem o 11/9, sem o 7/7 londrino, sem as Cruzadas, sem caça às bruxas, sem a Conspiração da Pólvora, sem a participação da Índia, sem as guerras entre israelenses e palestinos, sem massacres sérvios/croatas/mulçumanos, sem a perseguição de judeus como “assassinos de Cristo”, sem os “problemas” da Irlanda do Norte, sem “assassinatos em nome da honra”, sem evangélicos televisivos de terno brilhante e cabelo bufante tirando dinheiro dos ingênuos (“Deus quer que você doe até doer”). Imagine o mundo sem o Talibã para explodir estátuas antigas, sem decapitações públicas de blasfemos, sem o açoite da pele feminina pelo crime de ter se mostrado em um centímetro (DAWKINS, 2007, p. 24).

A exemplo de Dawkins, outro neoateísta, o filósofo Daniel Dennett também é do parecer de que o mundo seria um lugar muito melhor se todas as religiões não existissem. De fato, em seu livro *Breaking the Spell* (2006), ele afirma que o “encanto” que cerca e que se tornou a própria religião precisa ser quebrado.<sup>3</sup> Em sua avaliação,

Se ao menos pudéssemos ter quebrado o encanto que levou o sábio japonês Aum Shirinkyo a liberar gás sarin no metrô de Tóquio, matando uma dezena de pessoas e ferindo outras centenas! Se ao menos pudéssemos imaginar algum jeito, hoje, de quebrar o encanto que atrai milhares de pobres meninos maometanos para as fanáticas *madrassahs*, nas quais são preparadas para uma vida de martírio assassino em vez de serem ensinados a respeito do mundo moderno, da democracia, da história e da ciência! Se ao menos conseguíssemos quebrar o encanto que convence alguns de nossos concidadãos de que são mandados por Deus para bombardear clínicas de aborto! (DENNETT, 2006, p. 23).

De fato, as críticas desses e de outros neoateístas à religião representa uma das características marcante desse discurso, visto que consideram a religião não apenas irrelevante e desnecessária para nossa época, mas também nociva representando uma grave ameaça para a sobrevivência das sociedades contemporânea.<sup>4</sup>

Se é assim, como então explicar a adesão de milhões e mesmo bilhões de pessoas espalhadas pelos diferentes cantos deste planeta à práticas e crenças religiosas ao longo de séculos e mesmo de milênios e como ainda explicar a massiva influência da religião sobre a vida desses mesmos indivíduos? Além disso, o que estes mesmos autores neoateístas têm a nos dizer sobre a histórica e contínua permanência da religião nas sociedades, sobre sua razão de existir, suas origens e sobre seu lugar e relevância no espaço social contemporâneo? Em outras palavras, se a religião é tão malévola, onde e porque ela surgiu e porque ela ainda permanece em nossa experiência humana atualmente?

<sup>3</sup> De acordo com Dennett, “o encanto que eu digo que deve ser quebrado é o tabu contra uma pesquisa direta, científica e sem obstáculos dos segredos da religião como fenômeno natural, entre muitos outros. [...] O primeiro encanto – o tabu – e o segundo encanto – a própria religião – estão ligados em um abraço curioso. Parte da força do segundo pode ser – veja bem, pode ser – a proteção que recebe o primeiro” (2006, p. 28).

<sup>4</sup> Sobre essa posição sustentadas pelos autores neoateístas ver, por exemplo o artigo “Ciência Moderna, Religião e os Novos Ateístas” (ANDRADE; BARBOSA, 2013).

Em relação a essas questões, dentre os autores neoteístas, tanto Daniel Dennett quanto Richard Dawkins esboçam uma argumentação com a finalidade de apresentar possíveis respostas a algumas dessas indagações. Assim sendo, neste breve artigo pretendemos apresentar, ainda que brevemente, os argumentos elaborados por esses dois neoteístas para sustentar suas justificativas para a presença e a permanência da religião na experiência humano-social conforme esboçados respectivamente em seus livros *Breaking the Spell* e *The God Delusion*.

### **Daniel Dennett: a religião como um fenômeno natural**

De acordo com o próprio filósofo Daniel Dennett, a proposta de seu livro *Breaking the Spell* (2006) é justamente examinar aquilo que é, o que foi e para aonde a religião poderá ir num futuro próximo. Além disso, em sua perspectiva, sua obra tem a pretensão de dar conta de explicar o porquê de a religião significar tanto para tantas pessoas. Em sua opinião,

As grandes ideias da religião têm nos mantido, nós, seres humanos, enfeitiçados há milhares de anos, ao longo de um tempo maior que o da história registrada, porém ainda um breve momento em termos de tempo biológico. Se quisermos compreender a natureza da religião, hoje, como um fenômeno natural, devemos examinar não apenas o que ela é hoje, mas o que era antes. Um relato das origens da religião, nos próximos sete capítulos, irá nos dar uma nova perspectiva para examinar, nos últimos três capítulos, o que a religião é agora, por que ela significa tanto para tanta gente, e sobre o que elas podem ter ou não razão em seu entendimento como pessoas religiosas. Aí poderemos ver melhor aonde a religião poderá ir no futuro próximo, nosso futuro neste planeta. Não consigo pensar em um tópico mais importante para ser investigado (DENNETT, 2006, pp. 16-17).

Ao nos depararmos com as primeiras linhas da obra em pauta, observamos uma importante definição acerca da religião a qual servirá de parâmetro conceitual para as discussões procedentes elaboradas por este neoteísta. Segundo Dennett, a religião pode ser definida como “um sistema social cujos participantes confessam a crença em um agente ou agentes sobrenaturais cuja aprovação buscam” (DENNETT, 2006, p. 19). Em outra parte dessa mesma obra, Dennett esclarece melhor sua definição afirmando que, “proponho que o núcleo do problema da religião invoca deuses que são agentes eficazes em tempo real e que representam um papel central na maneira como os participantes pensam sobre o que deveriam fazer” (DENNETT, 2006, p. 22).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Nas “Notas” de seu livro, Dennett apresenta duas outras bem conhecidas definições de religião a serem comparadas com a sua. A definição apresentada por Émile Durkheim segundo a qual a religião “é um sistema unificado de crenças e prática relativas a coisas sagradas, ou seja, coisas separadas e proibidas – crenças e práticas que se unem em uma única comunidade moral chamada Igreja” (DURKHEIM, 1915) e a definição apresentada por Clifford Geertz para quem a religião é: “(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação

Ao analisarmos a definição apresentada por Dennett podemos concluir que, em sua opinião, a religião possui duas dimensões diretamente relacionadas: (1) uma dimensão social (*sistema social*); e (2) uma dimensão simbólica que comporta a crença em entidades sobrenaturais (*agente ou agentes sobrenaturais*). Essas duas dimensões relacionam-se na medida em que a crença na dimensão sobrenatural exerce um papel central sobre a dimensão social, isto é, sobre a vida dos participantes de determinado grupo religiosamente orientado. Ao definir religião dessa forma, isto é, assumindo sua “dimensão sobrenatural”, Dennett procura também excluir qualquer possibilidade de se identificar, por exemplo, qualquer tipo de devoção a alguma entidade *natural* como sendo propriamente religião, ainda que essa devoção desempenhe alguma influência sobre seus “devotos”. (DENNETT, 2006, p. 19).<sup>6</sup>

Vale também destacar que, diferentemente de algumas definições tradicionais de religião as quais se encontravam centradas nas experiências individuais, a definição apresentada por Dennett está mais centrada na aplicação social da religião.<sup>7</sup> Atualmente – como ele mesmo indica e propõe – esta concentração no individual, na experiência religiosa privada, observada pelo o microscópio da psicologia, tem sido substituída por uma perspectiva mais ampliada, observada pelos telescópios grande-angular biológico e social. Assim sendo, segundo esse filósofo, essa mudança de perspectiva tem proporcionado a possibilidade de se examinar os fatores que moldam as experiências e ações de pessoas religiosamente orientadas ao longo de grandes extensões de espaço e de tempo. Apesar disso, Dennett não exclui por completo a possibilidade da existência de pessoas que muito sincera e devotamente tornam-se comungantes solitários do que ele mesmo chama de *religiões particulares* (*private religions*). Segundo esse neoteísta, tipicamente essas pessoas tem tido considerável experiência com um ou mais mundos religiosos e optaram por não se filiarem a nenhum deles. Dennett qualifica essas pessoas como *espirituais* e não *religiosas* no sentido mais exato do termo, justamente por não se identificarem com um credo ou uma igreja em particular que possui muitos outros membros (DENNETT, 2006, p. 19).

Seguindo a argumentação apresentada por Dennett em sua conceituação ou definição de religião, encontramos uma declaração importante. Em sua avaliação, ainda que seus

---

de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de veracidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas” (GEERTZ, 1973).

<sup>6</sup> Ainda dentro do escopo da definição de religião feita por Dennett, vale observar que seu entendimento acerca da religião nos leva a excluir os ateístas e agnósticos da categoria de religiosos. Uma vez, que para esses, a dimensão sobrenatural é excluída por definição.

<sup>7</sup> Uma dessas definições é aquela apresentada por William James, para quem a religião pode ser compreendida como “the felling, acts, and experiences of individual men in their solitude, so far as they apprehend themselves to stand in relation to whatever they may consider the divine” (JAMES, W. 1902, p. 31).

participantes confessem a crença em um agente ou agentes sobrenaturais cuja aprovação eles buscam, esse autor nega o caráter sobrenatural da religião e declara que, ao contrário disso, a religião é um fenômeno natural (DENNETT, 2006, p. 35-36).

Entretanto, na opinião desse filósofo, considerar a religião como um fenômeno natural, não implica necessariamente em negar a existência de Deus (ainda que seja essa mesma a sua opinião). De acordo com Dennett, pode ser verdade que Deus exista e que ele seja mesmo o criador inteligente, consciente e amoroso que cuida de todos nós. Ainda assim, a religião mesmo, como um conjunto complexo de fenômenos, é perfeitamente natural. Por isso mesmo, afirma Dennett, diferente dos seus colegas *brights*,<sup>8</sup> seu trabalho não se limita a levantar argumentos contra e a examinar os argumentos a favor da existência de Deus. Na verdade, seu interesse recai sobre a religião em si mesma, e a principal pergunta a ser respondida, no seu entendimento pode ser definida tal como se segue: “O que é esse fenômeno ou conjunto de fenômenos que significam tanto para tantas pessoas, e por que – ou como – ela impõe a lealdade e molda tantas vidas com tamanha força” (DENNETT, 2006, p. 38).

Com essa pergunta orientadora, Dennett passa a elaborar e desenvolver uma série de argumentos que buscam avaliar o surgimento, a presença e a continuidade das religiões no seio das sociedades. Vale observar antes, todavia, que o caminho proposto por Dennett para a investigação do fenômeno religioso apoia-se sobre o que ele mesmo entende ser as bases biológicas da religião. Isso significa, dentre outras coisas, que ao contrário de uma investigação focada nos fenômenos religiosos exclusivamente em seus aspectos cultural e social – ideológico, filosófico, psicológico, político, econômico, histórico – ou seja, num nível *acima* do biológico, esse neoateísta propõe investigar tais fenômenos sobre as bases biológicas e evolutivas da religião. (DENNETT, 2006, p. 82). Embora pareça uma perspectiva reducionista, e já se antecipando às possíveis críticas, Dennett segue afirmando que existem fortes motivos para investigar as bases biológicas da religião. Em sua opinião,

Temos motivos especialmente fortes para investigar as bases biológicas da religião agora. [...] Precisamos compreender o que faz a religião funcionar para podermos nos defender, de modo informado, de circunstâncias nas quais as religiões saem do

---

<sup>8</sup>*Bright* (brilhante, luminoso) é um termo para designar os adeptos da visão de mundo ateísta ou, como preferem dizer, naturalística. De acordo com a definição apresentada no *website*, criado em 2003, pelo biólogo Paul Geiserte pela educadora Mynga Furtrell, um *bright* “é uma pessoa que possui uma visão de mundo naturalística. Uma “visão de mundo *bright*” é livre de elementos sobrenaturais e místicos. A ética e as ações de um *bright* são baseadas em uma visão de mundo naturalística”. Dessa forma, argumentam os autores do *website* em pauta, se sua visão de mundo é livre de deidades, forças e entidades sobrenaturais ou místicas, então você é, por definição, um *bright*! Várias pessoas que se reconheceram nessa visão assumiram a “identidade *bright*”, dentre as quais dois dos principais expoentes do neoateísmo, Daniel Dennett e Richard Dawkins. Disponível em: <<http://www.the-brights.net>>. Acesso em: 11 set. 2015.



controle. Do que é composta a religião? Como as partes se ajustam? O que constituem a saúde e a patologia do fenômeno religioso? Essas questões podem ser abordadas pela antropologia, pela sociologia, pela psicologia, pela história e por qualquer outra variedade de estudos culturais que se queira, mas é simplesmente indesculpável que pesquisadores, nesses campos, deixem o ciúme disciplinar e o medo do “imperialismo científico” criarem uma cortina de ferro ideológica, que possa vir a esconder importantes restrições e oportunidades subjacentes para eles (DENNETT, 2006, p. 83).

Uma vez esclarecido sua perspectiva para análise do fenômeno religioso, Dennett dá continuidade à sua investigação sobre as origens, a presença e a continuidade das religiões no âmbito das sociedades. “Por que a religião existe?”, indaga retoricamente esse filósofo. Sua resposta não poderia ser outra, se não, “porque é natural!”. Entretanto, o fato de defini-la como natural, argumenta esse neoteísta, “é só o início da resposta, e não o fim”. Por isso mesmo, o simples fato de ser natural não seria uma explicação exaustiva acerca da presença e da permanência social da religião. Mas, considerá-la como natural, implica, dentre outras coisas, reconhecer que a religião, assim como a linguagem, a arte e a música, pode ser culturalmente transmitida, conclui Dennett (2006, p. 86).

Assim sendo, em sua opinião, duas possíveis vias de explicação para essa transmissão cultural poderiam ser propostas. A primeira seria considerar que a religião, assim como a ciência, o esporte profissional, ou a música, “consiste em sistemas de atividade social que são projetados por agentes conscientes, deliberados, que conhecem os pontos ou objetivos dos empreendimentos, os problemas que precisam ser resolvidos, os riscos, os custos e os benefícios” (DENNETT, 2006, p. 87). A segunda, por outro lado, seria considerar que a religião é transmitida *culturalmente* obedecendo à mesma lógica de transmissão genética. Dessa forma, de acordo com Daniel Dennett, essa transmissão cultural se efetivaria através de *replicadores culturais* (para os quais Richard Dawkins têm dado o nome de *memes*), sem a presença de um *designer* humano, sem um autor ou inventor, ou mesmo um editor ou crítico.<sup>9</sup>Essa transmissão cultural, continua Dennett, “pode às vezes imitar a transmissão genética, permitindo que variantes concorrentes sejam copiadas em velocidades diferentes,

---

<sup>9</sup> O termo *meme* foi criado por Richard Dawkins em 1976 no seu *bestseller* *The Selfish Gene*. Compreende-se o meme a memética, por analogia ao gene e à genética. Assim sendo, o meme apresenta-se como sendo para a memética o análogo do gene na genética, isto é, a sua unidade básica. Considerado como uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro, no que diz respeito à sua funcionalidade, o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma autopropagar-se. Os memes apresentam-se assim, como ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma. O estudo dos modelos evolutivos da transferência da informação é conhecido como memética. (Cf. RIBEIRO, 2007). Para maiores informações sobre a teoria dos memes, ver: BLACKMORE, 1999. Ver também sua palestra sobre os memes, disponível em: <[http://www.ted.com/talks/susan\\_blackmore\\_on\\_memes\\_and\\_temes.html](http://www.ted.com/talks/susan_blackmore_on_memes_and_temes.html)>. Acesso em 13 de out. 2015.

resultando em revisões graduais das características desses itens culturais, e *essas revisões não têm autores deliberados, prevententes*” (DENNETT, 2006, p. 90).<sup>10</sup>

Para os propósitos de sua argumentação, Dennett afirma que a principal razão para se adotar a perspectiva dos *replicadores culturais* (ou *memes*) é que ela permite tratar da questão sob a ótica do *cuibono?*, ou seja, procurando saber em benefício de quem ela atua. Em sua opinião, tratá-la dessa forma permite avaliar todos os recursos associados à religião sem pôr em causa a questão de saber se estamos falando de evolução genética ou cultural, o que amplia o espaço para possíveis teorias evolucionistas. De acordo com o filósofo, isto permite considerar processos mistos e de variados níveis, sem nos prendermos às ideias simplistas de “genes para a religião”, por um lado, e “uma conspiração de sacerdotes”, por outro, permitindo-nos assim, considerar as questões muito mais interessantes (e mais prováveis) do como e do por que as religiões evoluem. (DENNETT, 2006, p. 93).<sup>11</sup>

Com base na justificativa acima, Dennett apresenta duas famílias de teorias que, em sua avaliação, se propõem a explicar a presença contínua das religiões na vida dos indivíduos e no âmbito das sociedades em geral.

A primeira delas é a denominada *Sweet-tooth theories* (Teorias do gosto por açúcar). De acordo com essa teoria, as religiões seriam um tipo de substância, que a semelhança do açúcar, gordura, álcool, cafeína, chocolate, nicotina, maconha, ópio, entre outras, seria ingerida ou inserida em nosso corpo e assimilada por um sistema receptor. Nessa perspectiva, afirma Dennett, “Karl Marx pode ter tido mais razão do que se pensa quando chamou a religião de ópio do povo” (DENNETT, 2006, p. 94).

A segunda, denominada *Symbiont theories* (Teoria do simbiote), busca explicar a religião como uma espécie de “simbióticos culturais” que conseguem prosperar saltando de hospedeiro humano a hospedeiro humano (DENNETT, 2006, p. 95). Entendido dessa forma, esses simbióticos culturais podem ser (a) *mutualists* (mutualistas) – melhorando a adequação humana e até mesmo tornando a vida humana possível, assim como as bactérias em nosso intestino fazem, ou (b) *commensals*(comensais) – neutros, nem bons nem maus para nós,

---

<sup>10</sup> De acordo com Daniel Dennett, um bom exemplo para ilustrar a transmissão cultural como imitação da transmissão genética são as línguas naturais. Como ele mesmo observa, “as mudanças graduais que transformaram o latim em francês, português e outras línguas descendentes não foram intencionais, planejadas, previstas, desejadas, ordenadas por ninguém” (DENNETT, 2006, p. 90).

<sup>11</sup> Segundo Howard Rachlin, de acordo com Dennett, a questão crucial para qualquer padrão de comportamento, incluindo a religião, é *cuibono* (em benefício de quem)? Assim sendo, continua Rachlin, “For a pattern to survive as an instinct, it must at some point in its history have differentially benefited the individuals exhibiting that pattern – making them better fit to their environment than others who did not exhibit that pattern – making them better fit to their environment than others who did not exhibit that pattern and increasing the spread of their genes. Ver: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/pmc1790880/>>. Acesso em 30 de maio de 2013.

apenas presentes. Poderiam ser ainda (c) *parasites*(parasitas) – replicadores nocivos, prejudiciais, que estaríamos melhores sem eles, mas que são tão difíceis de eliminar, já que evoluíram ao nível de enfrentar nossas defesas e garantir sua própria propagação (DENNETT, 2006, p. 95).<sup>12</sup>

Considerando a apresentação feita por Dennett acerca das duas famílias de teorias sobre a presença e a permanência da religião no espaço humano-social, observamos em primeiro lugar, que, de fato, como um dos principais vetores constitutivos do discurso neoateísta, a religião é explicada por esse filósofo norte-americano pela via biológica e à maneira darwiniana, isto é, como um processo gradual de evolução cultural. Assim sendo, baseado na teoria dos *memes* proposta por Richard Dawkins, para Daniel Dennett as religiões evoluem culturalmente através dos mesmos mecanismos de seleção natural encontrados na genética. Em segundo lugar, seguindo essa mesma via biológica darwiniana, fica também evidenciado que, na opinião desse neoateísta, a religião é mesmo um *simbionte cultural*, ou *meme* (que neste caso seriam a mesma coisa) o qual *não é apenas* transmitido pela via genética, mas também é transmitida culturalmente. Assim sendo, de acordo com Dennett,

As perspectivas evolutivas nos permitem ver que há tanto cenários positivos como negativos depois que começamos a encarar a religião como possível simbionte cultural. [...] Simbiontes culturais – memes – são passados adiante para os filhos do mesmo modo, por via não genéticas. Falar a “língua materna”, cantar, ser educado e muitas outras aptidões de “socialização” são transmitidas culturalmente de pais para filhos, e os recém-nascidos humanos privados dessas fontes de herança muitas vezes são profundamente prejudicados. Sabemos que o elo entre pais e filhos é a maior via de transmissão da religião (DENNETT, 2006, p. 97).

Considerar a religião um tipo de simbionte cultural que é transmitida não apenas pela via genética, mas pela cultural, leva a alguns importantes questionamentos: seria a religião benéfica ao seu hospedeiro ou um parasita que o oprime? Ou, quem sabe, seria ela um germe infectante? Ou, quem sabe ainda, seriam as religiões parasitas evoluídos culturalmente? A esses questionamentos Dennett responde com outra questão fundamental: “quem se beneficia com a religião?” Essa pergunta continua sendo o eixo central em sua tentativa de explicar o como e o porquê a religião continua presente nos contextos sociais. Todos na sociedade se beneficiam da religião, porque ela torna a vida na sociedade mais segura, harmoniosa e eficiente? A elite que controla o sistema se beneficia à custa dos outros através da religião?

---

<sup>12</sup> Na opinião de Dennett, essas duas famílias de teorias não são exclusivas, podendo, portanto, serem combinadas para explicar uma diversidade de fenômenos. Da mesma forma que um simbiótico relativamente benigno ou inofensivo pode se transformar, sob algumas condições, em algo virulento e até mesmo fatal (2006, p. 97).



As sociedades como um todo se beneficiam da religião, não importando se os indivíduos se beneficiam? Ou a religião não beneficia a ninguém, sendo apenas um lindo subproduto que não *serve para nada*, do ponto de vista da biologia, isto é, não beneficia nenhum gene ou indivíduo, ou grupo, ou simbiote cultural? O que explica a religião? Todos esses questionamentos são apresentados na segunda parte de sua obra – *A Evolução da Religião* – onde Dennett passa então, a falar acerca das raízes da religião, como as religiões apareceram e o que ela são, no seu entendimento.

Partindo do pressuposto segundo o qual as crenças e as práticas religiosas não existiram desde sempre, Dennett apresenta sua discordância ao argumento apresentado pelo filósofo francês contemporâneo, Marcel Gauchet, para quem “tanto quanto sabemos, a religião tem, sem exceção, existido em todas as épocas e em todos os lugares” (GAUCHET, 1997, p. 22). Na opinião desse neocateísta, ao contrário da perspectiva adotada pelo filósofo francês, “houve uma época antes de crenças e práticas religiosas terem ocorrido a qualquer pessoa. Houve uma época, afinal, antes de haver quaisquer crenças no planeta, antes de haver quaisquer crenças a respeito de qualquer coisa” (DENNETT, 2006, p. 110).

Considerando, então, seu pressuposto segundo o qual as religiões surgiram tardiamente na história da humanidade, após a agricultura, a escrita e a linguagem, Dennett sugere que para se compreender como as religiões teriam emergido é necessário um trabalho interdisciplinar através da junção de duas perspectivas distintas, ou seja, unir o conhecimento produzido pela história, a sociologia e a antropologia ao *background* oferecido pela biologia evolucionista (DENNETT, 2006, p. 113-114).

Segundo esse neocateísta, um dos pesquisadores a realizar esse tipo de trabalho tem sido o biólogo da evolução, David Sloan Wilson. Em seu livro *Darwin's Cathedral: Evolution, Religion, and the Nature of Society* (2002), Wilson apresenta bons argumentos (na opinião de Dennett) para a hipótese de que a religião seria um fenômeno humano *planejado* (pela evolução) para melhorar a cooperação dentro de grupos humanos. Segundo Dennett, a tese de Wilson é a de que a religião surgiu por um processo de seleção grupal. Já os antropólogos Pascal Boyer e Scott Atran, os quais são formados em teoria da evolução e psicologia cognitiva, apresentam também sua tese numa perspectiva evolucionista. Todavia indicam que o domínio que várias ideias e práticas religiosas têm sobre as pessoas podem ser explicadas pela compreensão da evolução da mente humana (DENNETT, 2006, p. 118).<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Sobre essas perspectivas teóricas ver: WILSON, 2002. BOYER, 2001. ATRAN, 2002.

Diante dessas e de outras análises, principalmente aquelas relacionadas à mente humana, Dennett sugere que as chamadas *religiões populares* (*folk religions*) surgiram sem qualquer plano consciente ou deliberado e seguem o caminho evolutivo, desenvolvendo-se através do processo de seleção natural. Surgem como estruturas simples, tornando-se mais complexas e sofisticadas com o passar dos anos, até chegarem a sua forma atual. Assim sendo, de acordo com Dennett,

Ao extrapolar retrospectivamente para a pré-história humana, com a ajuda do pensamento biológico, podemos conjecturar como surgiram as religiões populares sem qualquer plano consciente ou deliberado, do mesmo modo como emergiram as línguas, por processos interdependentes de evolução biológica e cultural. Na raiz da crença humana em deuses está um instinto pronto a disparar: a disposição de atribuir agência – crenças e desejos e outros estados mentais – a qualquer coisa complicada que se mova. Os alarmes falsos gerados pela nossa exagerada disposição de procurar agentes onde quer que a ação esteja são os elementos irritantes em torno dos quais crescem as pérolas da religião. Só as variantes melhores, mais amigáveis à mente, se propagam, atendendo – ou parecendo atender – a profundas necessidades psicológicas e físicas, e, depois, essas variantes são ainda mais apropriadas pela poda incessante dos processos de seleção (DENNETT, 2006, p. 126-127).

De fato, o autor de *Breaking the Spell* propõe que o animismo teria se constituído como a forma mais simples e mais antiga de experiência religiosa. À medida que a cultura humana cresceu e as pessoas se tornaram mais reflexiva, a religião popular transformou-se paulatinamente em uma religião organizada.

Levando-se em conta as avaliações de Daniel Dennett acerca do fenômeno religioso, fica claro que em seu entendimento a religião é um fenômeno natural que pode ser comparado a um simbiote cultural, e que, portanto, emerge devido a processos interdependentes de evolução cultural e biológica.

Para ele, a religião é transmitida culturalmente de pais para filhos, sendo este elo (entre pais e filhos) a maior via de transmissão da religião, assim como a língua materna, cantar, ser educado e outras aptidões de socialização. Negar a religião como simplesmente genética, entretanto, implica em dizer que ela pode ser disseminada horizontalmente para os não-descendentes, o que segundo Dennett, não constitui um papel relevante na maior parte das circunstâncias.

Finalmente, considerando a religião um simbiote, esse filósofo argumenta que aqueles que acreditam que a “religião é uma característica maligna da cultura humana, um tipo de doença da infância com efeitos posteriores duradouros” e que defendem a adoção de uma “política de saúde pública politicamente drástica, mas bem simples: vacina e isolamento”, isto é, “não deixe os pais darem a seus próprios filhos uma educação religiosa!”,

devem se lembrar que essa política já foi tentada, em grande escala, na antiga União Soviética, com consequências calamitosas. A reação da religião na Rússia pós-URSS sugere que a religião tem papéis a desempenhar e recursos nem sonhados por uma visão simplista como aquela, conclui Dennett (2006, p. 98).

Entretanto, uma crítica deve ser feita aos argumentos acerca da emergência histórica das religiões apresentados por Daniel Dennett. Se as religiões emergem devido a processos interdependentes de evolução cultural e biológico; se elas não existiram *sempre*, pergunta-se: Sempre existiram processos interdependentes de evolução cultural e biológica? Se sempre existiram, como se pode afirmar que a religião é tardia na evolução?

### **Richard Dawkins: a religião como subproduto de outra coisa.**

Da mesma forma que Dennett, outro neoateísta, o biólogo Richard Dawkins, também oferece argumentos na busca de compreender e explicar o surgimento e a presença da religião em todas as culturas humanas.

Em concordância com Dennett, Dawkins também segue as linhas gerais da teoria evolucionista darwiniana para explicar o surgimento da religião. De fato, baseado na pressuposição de que somos produtos da evolução pela seleção natural tal como tematizada por Darwin, esse biólogo evolucionista inglês formula duas perguntas. A primeira delas, “que pressão ou pressões exercidas pela seleção natural favoreceram o impulso à religião”? E, ancorado naquilo que ele mesmo considera ser um *imperativo darwinista*, ele formula a segunda pergunta, alinhada ao pensamento de Daniel Dennett: “qual é o benefício da religião?” (DAWKINS, 2007, p. 216 e 218). A partir dessas duas perguntas, ele elabora suas avaliações acerca da massiva permanência do comportamento religioso entre os indivíduos.

Segundo o biólogo inglês, muito embora “benefício” – num contexto de explicação darwinista – possa significar vantagem para a sobrevivência dos genes do indivíduo, o benefício darwiniano não se restringe apenas a este sentido. Na verdade, sugere Dawkins, é possível associar o termo “benefício” a três diferentes elementos: (1) o primeiro é exposto na chamada *Teoria da Seleção de Grupo*;<sup>14</sup> (2) o segundo, relacionado à *Teoria do Fenótipo Estendido*, segundo a qual o indivíduo estaria agindo sob a influência manipuladora de outro indivíduo, ou parasita;<sup>15</sup> (3) e o terceiro, relacionado à *Teoria dos Replicadores ou Memes*, a

<sup>14</sup>Cf. DENNETT, 2006, p. 90.

<sup>15</sup> O termo “fenótipo estendido” é um conceito biológico apresentado pelo próprio Richard Dawkins em 1982 em seu livro *The Extended Phenotype*.

qual sugere que a religião, em função de sua onipresença, teria funcionado em benefício de alguma coisa, que pode não ter sido os indivíduos ou seus genes, mas teria funcionado em benefício apenas das próprias ideias religiosas, considerando que elas agem de uma maneira semelhante com os genes, i.e., como replicadores (DAWKINS, 2007, p. 218).<sup>16</sup>

Considerando esses possíveis beneficiários, Dawkins segue argumentando na tentativa de oferecer uma explicação – sempre numa perspectiva darwinista – sobre a permanência universal e contínua do comportamento religioso entre os indivíduos. “Será a religião um placebo que prolonga a vida reduzindo o estresse?” A resposta a essa pergunta para Dawkins é não, pois em sua opinião, a denominada *teoria do placebo* não é suficiente para justificar o fenômeno de penetração tão global que é a religião. De fato, como ele mesmo afirma, a teoria do placebo “não é uma teoria boa o suficiente para dar conta do serviço, embora possa ter tido um papel subsidiário. A religião é um fenômeno de grandes dimensões e precisa de uma teoria de grandes dimensões para explicá-la” (DAWKINS, 2007, p. 221-222). Assim sendo, para esse biólogo, nem a teoria do placebo e nem tão pouco aquelas teorias que estão distantes de uma concepção darwiniana, são capazes de explicar o fenômeno religioso.<sup>17</sup> O darwinista, continua Dawkins, “ainda quer saber por que as pessoas são vulneráveis aos encantos da religião e, portanto, abertas à exploração por parte de padres, políticos e reis” e ainda quer saber “qual a explicação final para o anseio por deuses” (DAWKINS, 2007, p. 224).

Como nenhuma dessas concepções parece oferecer uma *explicação conclusiva* acerca do fenômeno religioso em termos de evolução biológica, Dawkins se propõe a investigar três possíveis explicações, que, em sua opinião, satisfariam, em princípio, seu imperativo darwinista.

A primeira delas é a já mencionada teoria de Seleção de Grupo, tal como apresentada pelo arqueólogo de Cambridge, Colin Renfrew, assim como também pelo biólogo da evolução, o norte-americano David Sloan Wilson.

Na avaliação de Dawkins, Renfrew sugere que o cristianismo teria sobrevivido devido a uma forma de seleção de grupo, porque alimentava a ideia de fidelidade e amor fraternal dentro do grupo, e isso, supostamente, ajudou seu grupo a sobreviver em detrimento de outros grupos (DAWKINS, 2007, p. 224). Enquanto Wilson, em seu livro *Darwin's Cathedral* (2002), sugere que os grupos religiosos podem ser comparados a simples

---

<sup>16</sup>Cf. DAWKINS, 1976.

<sup>17</sup> Dentre as quais, na opinião de Dawkins, as explicações neurológicas, a exemplo da ideia de um “centro divino” no cérebro, ou políticas, tais como, “a religião é um instrumento utilizado pela classe dominante para subjugar as classes inferiores”, não satisfazem a pergunta darwiniana acerca da religião.

organismos ou mesmo a uma colônia social de insetos, dessa forma, dentro de seu grupo, a religião funcionaria como um reforçador de cooperação. De acordo com esse biólogo,

Os organismos são produto da seleção natural. Através de inúmeras gerações de variação e seleção, eles adquirem propriedades que lhes permitem sobreviver e se reproduzir em seus ambientes. Meu propósito é verificar se os grupos humanos em geral, e os grupos religiosos em particular, qualificam-se como organismos neste sentido” (WILSON, 2002, p. 1).

Para esclarecer a proposta da teoria da seleção de grupo para a religião apresentada por David Wilson, Dawkins lança a mão de um exemplo por ele mesmo inventado:

Uma tribo com um “deus das batalhas” muito beligerante ganha guerras contra tribos rivais cujos deuses pregam a paz e a harmonia, ou tribos sem deus nenhum. Combatentes acreditam piamente que a morte como mártir os mandará direto para o paraíso lutam com bravura, e abrem mão de sua vida de bom grado. Por isso as tribos desse tipo de religião têm mais probabilidade de sobreviver a guerras intertribais, roubar o gado da tribo conquistada e tomar suas mulheres como concubinas. Tribos bem-sucedidas como essas dão origem a tribos-filhas, que por sua vez propagam mais tribos-filhas, que por sua vez propagam mais tribos-filhas, todas adorando o mesmo deus tribais(DAWKINS, 2007, p. 225).

Assim sendo, segundo Dawkins, muito embora a proposta da seleção de grupos possa ser considerada uma proposta que se enquadra no âmbito da perspectiva da evolução darwiniana para a explicação da religião, ela é considerada fraca entre os evolucionistas. Ainda que se admita que a seleção de grupo em princípio possa acontecer, na opinião desse neoteísta ela não representa uma força significativa na evolução. Assim como Dennett, Dawkins também considera a teoria da seleção de grupo na melhor das hipóteses, um processo à margem, cujas condições para o sucesso teria pouca probabilidade de surgir e permanecer por muito tempo.<sup>18</sup>

Seguindo em sua argumentação, em seu entendimento de que a teoria da seleção de grupo não dá conta de explicar o surgimento e a permanência da religião, Dawkins apresenta, em contrapartida, a hipótese, que ele fará sua, segundo a qual a religião é um *subproduto* de outra coisa. “Faço parte do número cada vez maior de biólogos que enxergam a religião como subproduto de outra coisa. Mais genericamente, acredito que nós, que especulamos sobre o valor darwiniano de sobrevivência, precisamos ‘pensar em termos de subproduto’”. (DAWKINS, 2007, p. 227).

Aplicando a ideia de subproduto ao comportamento religioso dos seres humanos, Dawkins infere que este pode ser um subproduto indesejado e infeliz de uma propensão psicológica subliminar que, em outras circunstâncias, é, ou foi um dia, útil. Entretanto, não

---

<sup>18</sup> Cf. DENNETT, 2006, p. 106.



basta afirmar que a religião é subproduto de outra coisa. É preciso saber o que essa outra coisa é. A hipótese específica para esta “outra coisa” da qual a religião é um subproduto está, segundo esse biólogo, relacionada com crianças. Assim, de acordo com Dawkins,

A seleção natural constrói o cérebro das crianças com a tendência de acreditar em tudo que seus pais ou líderes tribais lhes disserem. Tais confiança e obediência são valiosas para a sobrevivência [...] Mas o lado ruim da obediência insuspeita é a credulidade escrava. O subproduto inevitável é a vulnerabilidade à infecção por vírus mentais. Por ótimos motivos ligados à sobrevivência darwiniana, o cérebro das crianças precisa confiar nos pais, e nos sábios em quem os pais as orientam a confiar. Uma consequência automática é que aquele que confia não tem como distinguir os bons conselhos dos maus. [...] O mesmo acontece com proposições sobre o mundo, sobre o cosmos, sobre a moralidade e sobre a natureza humana. E, muito provavelmente, quando a criança crescer e tiver seus próprios filhos, ela vai naturalmente transmitir boa parte para os filhos – absurdos ou não-absurdos – usando a mesma gravidade contagiosa (DAWKINS, 2007, p. 233-234).

De fato, e como observa o próprio Dawkins, os líderes religiosos conhecem essa característica singular do cérebro infantil e por isso mesmo destacam a importância de começar cedo com o doutrinamento religioso. A esse respeito, esse neoateísta faz menção ao conhecido escritor e líder evangélico norte-americano, James Dobson, quem afirmou que “aqueles que controlam o que os jovens são ensinados, aquilo que eles experimentam – o que eles veem, ouvem, pensam e acreditam – determinarão o rumo futuro da nação” (DOBSON, Apud: BLAKER, K., 2003, p. 7).<sup>19</sup>

Dentro da perspectiva segundo a qual a religião é um subproduto de outra coisa, Dawkins, a exemplo de Dennett, destaca a importante contribuição do etnólogo Robert Hinde, em *Why gods persist*, e dos antropólogos Pascal Boyer, em *Religion explained*, e Scott Atran, em *In gods we trust*, os quais promoveram de forma independente entre si a ideia geral segundo a qual *a religião é um subproduto de disposições psicológicas normais*. Segundo Dawkins, os psicólogos evolucionistas sugerem que assim como o olho é um órgão que evoluiu para a visão, e a asa um órgão que evoluiu para voar, o cérebro é uma coleção de órgãos (ou “módulos”) para lidar com um conjunto de necessidades especializadas de processamento de dados. Nesta perspectiva, a religião pode ser compreendida como um subproduto do “erro” de vários desses módulos, por exemplo, os módulos para a formação de teorias sobre outras mentes, para a formação de coalizões e para a discriminação a favor de indivíduos de dentro do grupo, em detrimento de estranhos. (DAWKINS, 2006, p. 209).

---

<sup>19</sup> Para maiores informações sobre James Dobson visite seu *website* e o *website* do movimento “Focus on the Family” por ele fundado. Disponível em: <<http://www.drjamesdobson.org>><<http://www.focusonthefamily.com>>. Acesso em 20 jun. 2013.

De acordo com psicólogo Paul Bloom, que também defende a ideia da religião como subproduto de disposições psicológicas, as crianças possuiriam uma tendência natural para uma teoria *dualista* da mente. Assim sendo, segundo esse psicólogo, a religião seria um subproduto desse dualismo instintivo. Isto significa que, como dualistas, os seres humanos, especialmente as crianças, reconhecem a distinção fundamental entre mente e matéria, o que para Bloom requer atenção. No seu entendimento,

O dualismo tem consequências interessantes. Se os corpos e as almas são pensados como estando separados, você pode ter um sem o outro. A maioria das coisas, como cadeiras, copos e árvores, são pensadas como corpos sem almas, não possuindo objetivos, crenças, vontade ou consciência. Mais significativo para a religião, o dualismo torna possível imaginar almas sem corpos. O cristianismo e o judaísmo, por exemplo, envolvem um Deus que criou o universo, realiza milagres e escuta orações. Ele é onipotente e onisciente, possuindo bondade infinita, justiça e misericórdia. Mas ele não tem, em nenhum sentido literal, um corpo (BLOOM, 2007, p. 149).

Além de ter uma predisposição inata para ser dualista, Bloom sugere também que possuímos o mesmo tipo de predisposição para sermos criacionistas ou teleológicos.

Temos um viés semelhante para atribuir um agente quando vemos uma estrutura não aleatória. Este é o ímpeto para o argumento para o design – a intuição de que o design que é aparente no mundo natural e biológico é uma evidência para um designer. [...] Uma das descobertas mais interessantes na psicologia do desenvolvimento da religião é que este viés em relação ao criacionismo parece ser cognitivamente natural (BLOOM, 2007, p. 150).

Diante das considerações de Paul Bloom, Dawkins conclui que o dualismo inato e a teleologia inata nos predisõem, sob as condições certas, à religião. Em sua avaliação,

Nosso dualismo inato nos prepara para acreditar numa “alma” que habita o corpo, em vez de ser parte integrante do corpo. É fácil imaginar um espírito imaterial assim indo para algum outro lugar depois da morte do corpo. Também é fácil imaginar a existência de uma divindade que seja puro espírito, não uma propriedade que emerge da matéria complexa, mas que existe independentemente da matéria. Mais óbvio ainda, a teleologia infantil nos deixa prontos para a religião. Se tudo tem um propósito, qual é esse propósito? O de Deus, é claro. (DAWKINS, 2007, p. 239).

Mas, uma questão ainda fica no ar. Por que a seleção natural pode ter favorecido o dualismo e a teleologia no cérebro de nossos ancestrais e de seus filhos? Segundo Dawkins, prever o comportamento de entidades de nosso mundo é importante para nossa sobrevivência, e seria de esperar que a seleção natural tivesse moldado nosso cérebro para fazê-lo com eficácia e rapidez. Além disso, ao considerar o que Daniel Dennett chamou de *postura intencional*, segundo a qual uma entidade não só foi projetada para um fim, mas que também é, ou contém, um agente com intenções que orientam suas ações, Dawkins afirma que parece

ser inteiramente plausível que a postura intencional tenha valor de sobrevivência como mecanismo cerebral que acelera a tomada de decisões em circunstâncias perigosas e em situações cruciais (DAWKINS, 2007, p. 241).

Acerca da teoria da religião como subproduto de outra coisa, Dawkins conclui afirmando que existem outras propostas tais como as apresentadas por Hinde, Shermer, Boyer, Atran, Bloom, Dennett, entre outros.<sup>20</sup> Uma dessas propostas é a sugerida por Dennett segundo a qual “a irracionalidade da religião é um subproduto de um mecanismo interno específico de irracionalidade do cérebro: nossa tendência, que presumivelmente tem vantagens genéticas, a nos apaixonarmos (DAWKINS, 2007, p. 244). Mas poderia ser a religião um subproduto dos mecanismos de irracionalidade que foram originalmente colocados no cérebro pela seleção natural para o ato da paixão? Na opinião do biólogo inglês, “a fé religiosa certamente possui em parte o mesmo caráter da paixão (e ambas têm muitos dos atributos de estar sob o efeito de uma droga viciante). Como ele ainda afirma, “fiz comparação entre a paixão e a religião em 1993, quando observei que os sintomas de um indivíduo infectado pela religião podem remeter surpreendentemente àqueles mais frequentemente associados ao amor sexual”. Assim sendo, a “persistência irracional” – como mais uma predisposição psicológica útil – pode explicar alguns aspectos importantes do comportamento religioso irracional, conclui Dawkins(2007, p. 215-216).

Muito embora a teoria da religião como subproduto acidental – um efeito colateral de uma coisa útil – é a teoria que Dawkins defenda, ele mesmo reconhece, no entanto, que quando se pensa na evolução da religião não se pode ignorar o equivalente cultural da deriva genética. Assim como a linguagem, afirma o autor de *The GodDelusion*, as religiões são transmitidas por um análogo cultural da genética. Por isso mesmo, um terceiro tipo de resposta ao surgimento e presença da religião que ele passa a tratar é aquele denominado de “teoria dos replicadores” ou “teoria dos memes”.

Os *memes*, conforme definido por esse biólogo inglês, são unidades de herança cultural. Assim como os genes ou os vírus de computador, os memes são exemplos de replicadores. Tais replicadores, os quais agem no processo de seleção natural, constituem um tipo de informação codificada que fazem cópias exatas de si mesmos, junto com cópias

---

<sup>20</sup> Sobre estas perspectivas teóricas ver: HINDE, 2002. SHERMER, 1997. BLOOM, 2007. BOYER, 2001. ATRAN, 2002. DENNETT, 2006.

inexatas ocasionais, também chamadas de “mutações”. De acordo com Dawkins (2007, p. 253), “o replicador arquetípico é o gene, um pedaço de DNA que é duplicado, quase sempre com extrema precisão, ao longo de um número de indefinidos de gerações”.

Mas, qual seria a relação entre os replicadores genéticos e a teoria dos memes proposta por Dawkins para a compreensão do fenômeno religioso? Na avaliação desse neoateísta, a resposta a essa pergunta recai sobre outra questão estrutural a ser verificada: será que existem unidades de imitação cultural que funcionem como verdadeiros replicadores, assim como os genes? E, em caso positivo, como esses replicadores culturais funcionariam no caso específico da religião?

Segundo Richard Dawkins, muito embora o universo de memes seja menos estruturado e menos organizado do que o universo de genes, e mesmo considerando que os memes não sejam totalmente semelhantes aos genes, o fundamental é saber se os memes são copiados com fidelidade suficiente para funcionar como *replicadores* no sentido darwiniano do termo (DAWKINS, 2007, p. 253). Em sua opinião, em detrimento aos opositores da teoria memética, os memes podem, sim, apresentar uma fidelidade muito alta, devido justamente a processos autonormalizantes de maneira que a analogia memes/genes pode ser mantida. (DAWKINS, 2007, p. 259). Assim sendo, de acordo com esse biólogo evolucionista, o principal propósito de sua teoria dos memes, não é fornecer uma teoria abrangente da cultura, mas combater a impressão errônea de que o gene é o único elemento em ação no dispositivo darwiniano (DAWKINS, 2007 p. 260).

Segundo ainda o próprio Dawkins, outros autores levaram sua teoria dos memes ainda mais longe, dentre os quais, a já citada, Susan Blackmore. Em seu livro *The Meme Machine*, publicado em 1999 pela Universidade de Oxford, essa psicóloga visualiza um mundo cheio de cérebros e memes lutando para ocupá-lo. E assim como genes num universo de genes, os memes que prevalecem são aqueles que conseguem se copiar bem. Isso, segundo Blackmore, cria complexos de memes, ou os denominados “memeplexos”.<sup>21</sup>

Essas considerações sobre a analogia entre genes e memes são importantes para a teoria memética da religião elaborado por Dawkins. Segundo esse neoateísta, algumas ideias religiosas, assim como alguns genes, podem sobreviver devido ao seu próprio mérito. Ou seja, esses memes florescem em qualquer universo memético, independentemente dos outros

---

<sup>21</sup> Segundo Susan Blackmore, as religiões seriam uma forma de memeplexos. Cf. capítulo 15 “*Religions as memeplexos*” de seu livro *The Meme Machine*, 1997. Segundo Dawkins, “Um memeplexo é um conjunto de memes que, embora não sejam necessariamente bons sobreviventes isoladamente, são bons sobreviventes na presença dos outros membros do memeplexo” (DAWKINS, 2007, p. 262).

memes em sua volta. Nesta perspectiva, algumas ideias religiosas sobrevivem porque são compatíveis com outros memes que já são numerosos no universo de memes. Alguns desses memes religiosos que sobrevivem no universo memético, seja devido a seu próprio mérito, ou devido à compatibilidade com um memeplexo preexistente, são apresentados por Dawkins na lista a seguir:

Você sobreviverá à sua própria morte; Se você morrer como mártir, vai para uma parte do paraíso especialmente maravilhosa, onde se regalará com 72 virgens (reserve um pouco de pena para as pobres virgens); Hereges, blasfemos e apóstatas devem ser mortos (ou punidos, por exemplo pelo ostracismo em relação a suas famílias); A crença em Deus é uma virtude suprema. Se você perceber que sua crença está vacilando, trabalhe duro para restaurá-la, e implore a Deus para ajudá-lo a combater a descrença; A fé (crença sem evidência) é uma virtude. Quanto mais suas crenças desafiam as evidências, mais virtuoso você será. Fiéis virtuosos que conseguem acreditar em alguma coisa muito estranha, insustentável, em franca oposição às evidências e à razão, são especialmente recompensados; Todomundo, mesmo quem não possui crenças religiosas, deve respeitá-las com um respeito mais automático e mais sem questionamentos que o aceitável para qualquer outro tipo de crença; Existem coisas estranhas (como a Trindade, a transubstanciação, a encarnação) que não os cabe compreender. Nem tente entendê-las, porque a tentativa pode destruí-las. Aprenda a se satisfazer chamando-as de mistérios. Lembre-se das virulentas condenações da razão feitas por Martinho Lutero e pense em quão protetoras da sobrevivência dos memes elas seriam; Música, arte e as Escrituras são marcas autorreplicastes de ideias religiosas (DAWKINS, 2007, p. 263-264).

De acordo com Dawkins, alguns dos pontos de sua lista provavelmente possuem um valor de sobrevivência absoluto e sobreviveriam em qualquer universo memético. Entretanto, outros memes, assim como os genes, só sobrevivem em um contexto onde existem outros memes, o que leva à construção de memeplexos alternativos entre si. Isso, então, explicaria a existência de diferentes religiões. Segundo esse biólogo neoateísta, duas religiões diferentes podem ser encaradas como dois memeplexos alternativos. Os memes religiosos desse tipo não têm necessariamente nenhuma aptidão especial para sobreviver; mesmo assim, são bons no sentido de que florescem na presença de memes de outra religião. Assim sendo, “o catolicismo romano e o islã, digamos, não foram necessariamente projetados por pessoas isoladas, mas evoluíram separadamente como coleções excludentes de memes que florescem na presença de outros membros do mesmo memeplexo” (DAWKINS, 2007, p. 265). Diante dessas explicações, Dawkins finaliza chegando à conclusão de que a teoria memética da religião e a teoria da religião como subproduto psicológico se sobrepõem na explicação acerca das raízes da religião.



## Considerações Finais

Após considerarmos as posições desses dois proeminentes autores neoateístas acerca da origem e permanência da religião no âmbito das culturas humanas, entendemos que pelo menos dois pontos precisam ser destacados nos discursos por eles mesmos apresentados.

Em primeiro lugar, é válido notar que para ambos a religião deve ser considerada em termos naturais, o que sublinha a concepção materialista ou naturalista de existência a qual é constitutivamente essencial no discurso dos novos ateístas. Como pode ser observado, o próprio Dawkins bem como os demais neoateístas se autodenominam naturalistas no sentido específico de serem contrários a qualquer forma de sobrenaturalismo. Dessa forma, por exemplo, na visão desse biólogo,

[...] Um ateu, nesse sentido filosófico de naturalista, é alguém que acredita que não há nada além do mundo natural e físico, nenhuma inteligência *sobrenatural* vagando por trás do universo observável, que não existe uma alma que sobrevive ao corpo e que não existem milagres – exceto no sentido de fenômenos naturais que não compreendemos ainda. Se houver alguma coisa que pareça estar além do mundo natural, conforme entendemos hoje, esperamos no fim ser capazes de entendê-la e adotá-la dentro da natureza; assim como acontece sempre que desvendamos um arco-íris, ela não será menos maravilhosa por causa disso (DAWKINS, 2007, p. 37).

De fato, como vimos, o próprio Dennett afirma em seu livro *Breaking the Spell* que a religião é um fenômeno natural no sentido de ser “oposta ao sobrenatural, que é um fenômeno humano composto de eventos, organismo, objetos, estruturas, padrões e coisas parecidas que obedecem, todos, às leis da física ou da biologia, e que, portanto, não envolve milagres” (DENNETT, 2006, p. 35-36).

Além disso, e em segundo lugar, merece destacarmos que o que orienta as argumentações dos neoateístas sobre as raízes e os desenvolvimentos da religião é a perspectiva evolutiva darwiniana. De fato, como observamos em nossa análise apresentada neste pequeno artigo, as propostas reconhecidas como plausíveis para a explicação do fenômeno religioso recaem sobre aquelas, que, de alguma maneira atendem ao imperativo darwinista, ou seja, um dos três grupos de teorias sobre o fenômeno religioso apresentado pelos autores neoateístas abordados: (a) a teoria memética da religião, (b) a teoria da religião como um subproduto psicológico, (c) a teoria da seleção de grupos.

A identificação dos novos ateístas com a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin, sem dúvida, é digna de atenção. Por um lado pelo próprio contexto de surgimento do movimento neoateísta, isto é, a sociedade norte-americana que, como sabemos, é o principal

palco dos debates da centenária controversa criação-evolução; e por outro porque essa mesma controvérsia (criação-evolução) tem sido um dos principais pontos de conflito na guerra de culturas em curso no próprio EUA.<sup>22</sup> Assim, ao assumir a perspectiva darwinista, os neoteístas não apenas a assumem como uma simples teoria científica, mas, muito mais, como uma das principais bandeiras de sua luta contra a religião mesmo e mais pontualmente contra o neofundamentalismo cristão e seus agentes criacionistas nessa guerra de culturas.<sup>23</sup>

Como sabemos, o filósofo Daniel Dennett é um fervoroso admirador do darwinismo e não esconde de forma alguma sua adesão a essa perspectiva como um perfeito paradigma científico e filosófico. Uma de suas principais e mais conhecidas publicações leva justamente em seu título o nome do naturalista inglês: *Darwin's Dangerous Idea: Evolution and the Meaning of Life* (1995). Nesse livro, Dennett declara que a teoria formulada por Darwin é revolucionária. Para esse filósofo, “a Revolução Darwinista é tanto uma revolução científica quanto filosófica, uma revolução não poderia ter ocorrido sem a outra”. Portanto, no darwinismo, continua Dennett, “ciência e filosofia estão completamente interligadas” (DENNETT, 1995, p. 21). Por isso mesmo, em sua opinião, muito embora a ideia de Darwin tenha sido gerada como uma resposta para questões em biologia, “ela vazou”, oferecendo respostas – bem-vindas ou não – às questões da cosmologia, por um lado, e da psicologia, por outro. Dennett observa que mesmo que existam tentativas de se fixar a teoria darwinista dentro dos limites da biologia, e malgrado as resistências de muitos cosmólogos e psicólogos, o darwinismo invadiu não apenas os seus territórios, mas também os da antropologia cultural, da ética, política e até mesmo os territórios da religião (DENNETT, 1995, p. 63).

Assim sendo, a conclusão de Dennett não poderia ser diferente: embora haja uma “presunção entre os pesquisadores sociais e das humanidades em considerar um ‘reducionismo’ aplicar o evolucionismo darwinista nos trabalhos de antropologia cultural ou

---

<sup>22</sup> Como observa Tina Beattie, “Na América existe há muito tempo um confronto intelectual entre os cientistas evolucionistas e criacionistas cristãos que rejeitam a teoria da evolução em favor de uma interpretação literal da história da criação no Livro da Gênesis” (2008, Location 123 of 198).

<sup>23</sup> Como pontua James Hunter, a controvérsia criação-evolução é apenas um dos componentes de um conflito muito mais abrangente que tem tomado forma sobre o conteúdo da educação pública. A educação pública em todos os níveis, afirma Hunter, não é um processo neutro fornecedora de conhecimentos práticos e habilidades técnicas. Acima e, além disso, as escolas são os meios institucionais primários de *reprodução comunitária e identidade nacional* para sucessivas gerações de Americanos (HUNTER, 1991, p. 197-198). Como observa, por sua vez, o geneticista de Chicago Jerry Coyne, a verdadeira natureza do conflito não reside apenas no confronto da evolução contra o criacionismo. “Para cientistas como Dawkins e Wilson, a verdadeira guerra é entre o racionalismo e a superstição. A ciência não é nada mais que uma forma de racionalismo, enquanto a religião é a forma mais comum de superstição. O criacionismo é apenas um sintoma do que eles encaram como o inimigo maior: a religião. Embora a religião possa existir sem o criacionismo, o criacionismo não pode existir sem a religião” (COYNE, Apud: DAWKINS, 2007, p. 101).

de sociologia”, em sua opinião, no entanto, “as descobertas biológicas feitas por Darwin são indispensáveis também para o fazer dessas ciências” (DENNETT, 2006, p. 71).<sup>24</sup>

De fato, ao defender a teoria dos *memes culturais* como um processo de evolução darwinista cultural, esse filósofo sugere que,

Seria ainda importante concluir que a evolução cultural obedece aos princípios de Darwin no sentido modesto de que nada do que acontece nele *contradiz* a teoria evolutiva, mesmo quando os fenômenos culturais são mais bem explicados em outros termos. Em *A origem das espécies*, o próprio Darwin identifica três processos de seleção: seleção “metódica” pelos atos preditivos, deliberados, de agricultores e outras pessoas concentradas na seleção artificial; seleção “inconsciente”, na qual os seres humanos se envolvem em atividades que, sem querer, contribuem para a sobrevivência diferencial; e a reprodução de espécies, em que as intenções humanas não desempenham papel algum. A essa lista podemos acrescentar um quarto fenômeno, a engenharia genética, em que a intenção e a previsão dos projetistas humanos desempenham um papel ainda mais proeminente. Todos esses quatro fenômenos são darwinianos no sentido modesto. Os engenheiros genéticos não produzem contraexemplos para a teoria da evolução por seleção natural, não mais do que os criadores de plantas têm feito há eras; eles produzem novas frutas das frutas da evolução por seleção natural. A ideia dos memes promete, do mesmo modo, unificar, sob um único prisma, fenômenos culturais tão diversos quanto deliberados (DENNETT, 2006, p. 374).

Finalmente vale destacar a estreita relação de Richard Dawkins com o darwinismo. Em seu livro *A Devil's Chaplain: reflections on hope, lies, science, and love*, publicado em 2003, Richard Dawkins revela sem meias palavras seu fascínio pelo darwinismo ao afirmar que “como cientista e acadêmico, sou um darwiniano apaixonado” (DAWKINS, 2003, p. 10). Já no livro *The Blind Watchmaker*, 1986, em que faz uma ampla defesa da teoria darwiniana da evolução, Dawkins afirma que seu livro não constitui “um frio tratado científico. [...] Confesso que, longe de ser desapaixonado, este livro tem algumas partes escritas com tal paixão que, numa revista científica profissional, bem poderia suscitar comentários”. Devido mesmo a essa paixão é que ele pretende, tal como sugere nesse livro, “persuadir o leitor de que a visão de mundo darwiniana não é apenas verdadeira, mas é também a única teoria conhecida que poderia em princípio solucionar o mistério de nossa existência” (DAWKINS, 1986, p. xviii).<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Daniel Dennett, assim como Richard Dawkins, defende a tese daquilo que pode ser chamado de “Evolução Cultural”, isto é, defende a aplicação da teoria evolutiva darwinista biológica, no campo das análises da cultura e do desenvolvimento cultural, incluindo aqui o estudo das religiões. Em sua opinião, a religião, por exemplo, é um fenômeno natural que pode ser comparado a um simbiote cultural, e que, portanto, emerge devido a processos interdependentes de evolução cultural e biológica (Cf. Capítulo 4 – *As Raízes da Religião* – DENNETT, 2006).

<sup>25</sup> Em um dos subtítulos de seu livro *A Devil's Chaplain*, Dawkins assume o “darwinismo como uma verdade universal” (DAWKINS, 2003, p. 78).

Em resumo, como vimos, para Richard Dawkins e Daniel Dennett, *tudo pode e deve* ser explicado em termos evolucionista darwinista: do livre-arbítrio à piedade, passando pela racionalidade, pelo desejo sexual, o altruísmo e a empatia, todos nada mais são que “uma falha na máquina genética” (DAWKINS, 2006, p. 241-267). De fato, *todo* o discurso neoateísta está orientado por uma convicção darwinista de estrita observância e até mesmo a religião, como vimos, recebe uma explicação de sua origem, existência e permanência em termos darwinianos. Logo, como assinala Michael Borer, “se a ciência é o novo deus dos novos ateístas, Charles Darwin é seu santo padroeiro” (2010, p. 137).<sup>26</sup>

### Referências

- ANDRADE, Roney de Seixas; BARBOSA, Wilmar do Valle. **Ciência Moderna, Religião e os Novos Ateístas**. Rio de Janeiro: Atualidade Teológica, Ano XVII, n. 43, janeiro a abril de 2013.
- ATRAN, S. **In Gods We Trust: The Evolutionary Landscape of Religion**. New York: Oxford University Press, 2002.
- BEATTIE, Tina. **The New Atheists: The Twilight of Reason and the War on Religion**. London:Orbis Books, 2008.
- BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford University Press, 1999.
- BLAKER, K., (Ed.) **The Fundamentals of Extremism: The Christian Right in America**. Plymouth, MI: New Boston, 2003.
- BLOOM, Paul. **Religion is Natural**. The Author. Journal Compilation. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.
- BORER, Michael Ian. The New Atheism and the Secularization Thesis. In: AMARNATH, Amarasingam (Ed.) **Religion and the New Atheism: a critical appraisal**. Leiden – Boston: BRILL, 2010.

---

<sup>26</sup> Na avaliação de Thomas Fowler e Daniel Kuebler, o poder do impacto da teoria evolucionista darwinista se deve, entre outras coisas, à enorme gama de fenômenos que se estende para muito além de uma restrita especialidade da biologia. Ela teve o poder para influenciar muitos, se não a maioria, dos caminhos em que quais nós organizamos nossa experiência e fundamentamos nossas crenças. Nas ciências ela afetou toda a biologia e estendeu sua influência para a química, a geologia, a física, a psicologia e mesmo as engenharias. Nas humanidades, ela é frequentemente usada como um paradigma para entender as mudanças históricas, políticas e sociais. Talvez mais importante, entretanto, ela afetou a forma de como nós vemos a nós mesmos no universo, nossa crença (ou descrença) no sobrenatural e nosso relacionamento com o restante do mundo natural. A evolução, ou mais precisamente a teoria darwinista da evolução, realizou certas afirmações nessas áreas que parecem estar em conflito direto com visões mantidas por algumas das maiores religiões do mundo. O impacto da teoria de Darwin na religião, portanto pode ser devastador (FOWLER; KUEBLER, 2007).

- BOYER, P. **Religion Explained: The Evolutionary Origins of Religious Thought**. New York: Basic Books, 2001.
- DAWKINS, Richard. **The Extended Phenotype**. New York: Oxford University Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **The Selfish Gene**. Oxford & New York: Oxford University Press, 1976.
- \_\_\_\_\_. **The Blind Watchmaker: Why the Evidence of Evolution Reveals a Universe without Design**, New York: W. W. Norton, 1986.
- \_\_\_\_\_. **A Devil's Chaplain: reflections on hope, lies, science, and love**. Boston – New York: HoughtonMifflinCompany, 2003.
- DENNETT, Daniel C. **Quebrando o Encanto: A religião como fenômeno natural**. São Paulo Globo 2006.
- \_\_\_\_\_. **Darwin's dangerous idea: evolution and the meanings of life**. New York: Simon & Schuster, 1995.
- DURKHEIM, E. **The Elementary Forms of Religious Life**(1915).Oxford World's Classics, 2001.
- FOWLER, Thomas B.; KUEBLER, Daniel. **The Evolution Controversy: a survey of competing theories**. Michigan: Baker Academic, 2007.
- GAUCHET, Marcel. **The Disenchantment of the World: A Political History of Religion**. New Jersey: Princeton University Press, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York, 1973.
- HARRIS, Sam. **Letter to a Christian Nation**. New York: Vintage Books, 2006.
- \_\_\_\_\_. **The End of Faith: Religion, Terror, and the Future of Reason**. New York: W.W.Norton, 2004.
- HINDE, Robert A. **Why Gods Persist: A Scientific Approach to Religion**. London: Routledge, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Why Good is Good: The Sources of Morality**. London: Routledge, 2002
- HITCHENS, Christopher. **God is not Great: How Religion Poisons Everything**. New York: Haechette Book Group, 2007a.
- HUNTER, James C. **Culture wars: the struggle to define America**. New York: Basic Books, 1991.
- JAMES, William. **The Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature**. SevenTreasuresPublications, 2009.
- RIBEIRO, João M. Gonçalves. **Memética: a memória evolui!**.Universidade de Lisboa, 2007.



SHERMER, M. **Why people believe weird things**: Pseudoscience, superstition, and other confusions of our time. New York: W. H. Freeman, 1997.

WILSON, David Sloan. **Darwin's Cathedral**: Evolution, Religion, and the Nature of Society. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.